

V Congresso Literacia, Media e Cidadania

Resumos

Comunicações Livres 4 – Mesa 18

Literacias Visuais e Mediáticas

04 maio 2019 | 14h00 – 15h30 | Sala 23.3.9

Índice

<i>Literacia dos Media e Vídeo Participativo: Questionando representações e identidades através de imagens</i>	2
<i>A literacia visual e as metodologias de avaliação: sistematização do campo e propostas de integração.....</i>	4
<i>Filmes de Improvisação com os povos da floresta</i>	6
<i>Análise das estratégias de visualização de dados nos relatórios dos Orçamentos de Estado: um estudo de caso.....</i>	7
<i>Da ‘Modern Family’ ao ‘Big Bang Theory’: a necessidade de literacia mediática crítica para a igualdade de género.....</i>	8

Literacia dos Media e Vídeo Participativo: Questionando representações e identidades através de imagens

Dorneles Neves (Universidade do Porto)

José Azevedo (Universidade do Porto)

Palavras-chave: literacia, vídeo participativo, audiovisual

Resumo:

A disponibilidade de tecnologias dos media não significa necessariamente que aquilo que os jovens já estão a criar e a publicar na internet representa sua voz. Para além de acesso a tecnologia, deve haver acesso a entendimento do que está a ser criado e os discursos reproduzidos. A evolução das tecnologias audiovisuais tornou o vídeo participativo (VP) uma técnica acessível para reunir pessoas para explorar problemas e questões de voz (Lunch & Lunch, 2006) com o mínimo de assistência da equipa pesquisadora (Mitchell & De Lange, 2011). VP permite aos participantes duas coisas: acesso aos meios de produção e autorrepresentação de acordo com sua própria estética e convenção cultural (Kendon, 2016). Sendo assim, VP pode ser uma ferramenta para reflexão onde os participantes analisam suas próprias práticas e a combinação de métodos baseados em arte e pesquisa-ação pode funcionar para educar e empoderar comunidades marginalizadas (Maginess, 2017) e emocionalmente alterar opiniões, práticas, decisões e políticas (Rogers, 2016).

Este estudo buscou aumentar a percepção, através de uma educação crítica dos media, sobre questões de representação e identidade em filmes populares. Foram desenvolvidos dois modelos de workshop de VP: o primeiro abordava a literacia dos media, o básico sobre a produção de um vídeo e solicitava que os participantes realizassem um documentário e posteriormente havia um debate sobre os filmes; o segundo modelo diferencia-se apenas por solicitar dos participantes a realização de uma cena de ficção ao invés de um documentário. Os resultados mostram uma melhoria em ambos os grupos na habilidade de analisar representações em textos audiovisuais. Os curta-documentários produzidos serviram para além de incitar a reflexão às participantes, também levaram as questões de identidade à comunidade entrevistada nos vídeos. O grupo que produziu as cenas de ficção não teve o mesmo envolvimento com a comunidade, mas tiveram a chance de reproduzir momentos e discursos que seriam difíceis de capturar na vida real. Entretanto, nos dois grupos os participantes usaram o vídeo como meio para expressar e questionar suas identidades, o que indica um caminho positivo para o uso do vídeo participativo para discutir literacia dos media e questões de identidade.

Referências bibliográficas:

- Kindon, S. (2016). Participatory Video. In *International Encyclopedia of Geography: People, the Earth, Environment and Technology* (pp. 4956-4960). John Wiley & Sons, Ltd.
- Lunch, N. & Lunch, C. (2006). *Insights into participatory video: A handbook for the field*. InsightShare.
- Maginess, T. (2017). Crossin' the Bridge: A Participatory Approach to Filmmaking. *New Directions for Adult and Continuing Education*, 154, 39-48.
- Mitchell, C., & De Lange, N. (2011). Community-based participatory video and social action in rural South Africa. In E. Margolis & L. Pauwels (Eds.), *The Sage Handbook of Visual Research Methods* (pp. 171-185). Londo: SAGE.
- Rogers, M. (2016). Problematising participatory video with youth in Canada: the intersection of therapeutic, deficit and individualising discourses. *Area*, 48(4), 427-434. doi: 10.1111/area.12141

A literacia visual e as metodologias de avaliação: sistematização do campo e propostas de integração

Jorge Luís Pacheco Barcelos (Universidade do Porto)

José Manuel Azevedo (Universidade do Porto)

Palavras-chave: literacia visual, métodos, medidas

Resumo:

Quais são as componentes das definições de literacia visual? A revisão da literatura fornece muitas definições diferentes sendo que conhecimento e habilidades - aparecem com mais frequência, mas também existem muitos outros componentes: comportamentos, afetos e crenças. Esta dispersão na definição do conceito implica um conjunto de dificuldades para construção de metodologias de avaliação. Nesta comunicação sistematizam-se as abordagens mais utilizadas para avaliar os níveis de literacia visual. Segundo Bowen (2017), os diferentes métodos de avaliação do aprendizagem da literacia visual vem sendo empregados com o objetivo de entender como os usuários analisam, interpretam e criam imagens com uma determinada intenção para um grupo específico. Nos últimos anos, os métodos de medidas baseiam-se na teoria do desenvolvimento cognitivo e do construtivismo. Estes métodos usam a Taxonomia de Bloom (Arneson & Offerdahl, 2018), a SOLO Taxonomia (Newton & Martin, 2013) e a do desenvolvimento estético de Housen (1983). Sendo que cada um dos métodos tem por objetivo medir determinadas dimensões do conhecimento e da aprendizagem. A Taxonomia de Bloom é usada para medir o grau de aprendizagem, a SOLO Taxonomia mede o grau de literacia visual e a de Housen o grau de desenvolvimento estético. Embora estes métodos busquem verificar o grau de decodificação e codificação de um conteúdo visual, a maioria das vezes enfocam apenas uma parte do processo de entendimento do significado (decodificação), tendo apenas uma análise parcial de todo o processo comunicativo envolvido.

Este estudo visa compreender os mecanismos de funcionamento de cada método, tendo como finalidade o desenvolvimento de um novo método que atenda tanto ao processo de decodificação quanto ao da codificação de uma imagem, que englobe as literacias visual e dos media. Pois a melhoria do grau de literacia permitirá ao indivíduo uma melhor compreensão da realidade, bem como uma maior interação com o meio e a sociedade.

Referências bibliográficas:

- Arneson, J. B. & Offerdahl, E. G. (2018). Visual Literacy in Bloom: Using Bloom's Taxonomy to Support Visual Learning Skills. *CBE—Life Sciences Education*, 17(1), ar7.
- Bowen, T. (2017). Assessing visual literacy: a case study of developing a rubric for identifying and applying criteria to undergraduate student learning. *Teaching in Higher Education*, 22(6), 705-719.
- Housen, A. (1983). *The Eye of Beholder: Measuring Aesthetic Development*. Tese de Doutorado, Harvard University Graduate School of Education, EUA.
- Newton, G. & Martin, E. (2013). Blooming, SOLO taxonomy, and phenomenography as assessment strategies in undergraduate science education. *Journal of college science teaching*, 43(2), 78-90.

Filmes de Improvisação com os povos da floresta

Luiz Adriano Daminello (Universidade Federal do Pará e Universidade do Minho)

Palavras-chave: filme etnográfico, documentário, Jean Rouch, pós-colonialismo, cinema periférico

Resumo:

Os filmes de ficção e improvisação de Jean Rouch sugerem modelos de realização que podem ser ideais para a afirmação de identidades regionais e étnicas. Desta forma, podem ajudar as mais diversas populações a melhor se localizarem dentro de um mundo onde são obrigados a conviver com imagens dominantes desenvolvidas pelo sistema industrial do cinema e da televisão, que transformam a vida dos seres comuns em algo insignificante. Assim como os Hauka faziam seus rituais para superarem essas relações de dominação¹, os “filmes de improvisação” podem ter a mesma função ritualística dentro de uma comunidade de “excluídos” do sistema midiático dominante. Essa categoria de cinema permite a reflexão, o espelhamento, a identidade, para que um dia as pessoas deixem de estar organizadas em “pirâmides humanas” e possam se sociabilizar com o Outro, a ponto de dizerem como no filme de Jean Rouch: “Eu, um Negro”.

Inspirado nesse conceito de cinema, o NORTEAR surgiu como Projeto de Extensão do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPA. Consiste em várias atividades de trocas de experiências, oficinas e experimentações audiovisuais com os jovens ribeirinhos habitantes da Floresta de Caxiuanã na Amazônia Brasileira, culminando com uma realização compartilhada de filmes de improvisação. Tem como principal objetivo que comunidades distantes dos centros urbanos possam se apoderar da criação de suas imagens e usar o audiovisual como ferramenta de expressão.

O projeto acredita que estamos entrando, finalmente, de modo lento, numa época de abandono do ato passivo de espectadores para nos tornarmos todos artistas amadores, atingindo, dessa maneira, o sonho dos surrealistas de transformar a arte em expressão de qualquer cidadão. Este modelo pode servir para a afirmação de identidades regionais, étnicas e sociais. E desta forma ajudar as mais diversas populações a melhor se localizarem dentro de um mundo onde são obrigados a conviver com imagens dominantes desenvolvidas pelo sistema industrial do cinema e da televisão, que transformam a vida dos seres comuns em algo insignificante.

¹ Hauka é o grupo representado no filme “Os mestres loucos” Jean Rouch.

Análise das estratégias de visualização de dados nos relatórios dos Orçamentos de Estado: um estudo de caso

Milton Cappelletti (Universidad de Vigo)

Palavras-chave: visualização de dados, literacia de dados, design de informação

Resumo:

A Visualização de Dados é uma área multidisciplinar que estuda as maneiras de representar dados visualmente, de modo eficiente, atraente e intuitivo para as pessoas. Esta conjugação de diferentes técnicas permite evidenciar a relação e dependência entre conjuntos de dados, o que dá lugar a novas inferências e descobertas, a partir de mecanismos que estimulam processos visuais de cognição. Desta maneira, a compreensão dos dados é influenciada sobretudo pelas estratégias de visualização de dados utilizadas para a produção e desenho dos gráficos. Esta questão é de grande valia quando pensamos nos relatórios dos Orçamentos do Estado, documentos nos quais o Governo apresenta as suas despesas e receitas para um ano nas diferentes áreas de governação. O documento define a política económica global do Estado e assegura os direitos fundamentais dos cidadãos, como instrumento de transparência e cidadania. A sua composição envolve a apresentação de diferentes dados estatísticos através de gráficos, motivo pelo qual é importante perceber se estes são eficientes para comunicar a informação a que se prestam.

Este artigo tem como objetivo analisar as estratégias de visualização de dados utilizadas pelo Governo nos relatórios do Orçamento do Estado de 2016 a 2019. Através de uma metodologia de investigação qualitativa e quantitativa, a partir da elaboração de um instrumento metodológico próprio para a presente investigação, foi possível fazer uma observação direta dos gráficos utilizados nos documentos, de modo a quantificá-los, classificá-los quanto a sua finalidade e analisar o seu desenho de informação. Desta maneira, conseguimos apontar como principais considerações: a coerência visual dos gráficos presentes nos documentos quanto a cor e tipografia; repetição dos gráficos de linha e barra como soluções de representação visual; inconsistência e baixa legibilidade nos elementos textuais e paratextuais dos gráficos; e preferência no uso de comparações temporais, de magnitude, distribuição e ranking para a exposição de dados. Estas observações representam um primeiro passo para o debate sobre a importância do Design de Informação para a transmissão de informação em documento oficiais destinados à sociedade.

Da ‘Modern Family’ ao ‘Big Bang Theory’: a necessidade de literacia mediática crítica para a igualdade de género

Sofia José Santos (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra)

Inês Amaral (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho)

Palavras-chave: literacia crítica, masculinidades, género, Portugal

Resumo:

Em termos de igualdade de género, a literacia mediática está reconhecidamente associada a uma menor internalização dos papéis e normas de género tradicionais, a uma maior facilidade na identificação de sexismo e a uma maior capacidade para responder a comentários sexistas entre pares (Driesmans et al., 2015; Wade et al., 2017). Porém, ainda que na esfera social as noções sobre o que significa ser e comportar-se como um homem se tenham vindo crescentemente a complexificar, o mesmo não tem necessariamente acontecido com as representações mediáticas que os mass media veiculam na sua programação. Estudos (Boni, 2002; Driesmans et al. 2015; Giaccardi et al., 2016) mostram que estes têm continuamente (ainda que com algumas modificações ao longo do tempo) promovido preferencialmente representações de “masculinidades hegemónicas” (Connel, 1995) ou mesmo “tóxicas” (Kuppers, 2005) junto das suas audiências. Mesmo quando introduzem representações de masculinidades mais híbridas como é o caso de personagens consentâneas com masculinidades tradicionalmente “subalternizadas” (Connel, 1995), estas convivem ou reproduzem subtextualmente as masculinidades hegemónicas ou tóxicas que pretendem implícita ou explicitamente contrariar. Koltay refere que existe um elevado consumo de media, que influencia percepções, crenças e atitudes e que, nesse sentido, “a importância da comunicação visual e da informação está a aumentar” (Koltay, 2011, p. 211), sendo a literacia essencial para promover uma leitura crítica do mundo (Potter, 1999), particularmente no que toca as identidades de género (Katz & Earp, 1999). Esta comunicação pretende explorar os desafios para a literacia crítica no atual cenário de crescente hibridez nas representações mediáticas do que significa ser e comportar-se como um homem veiculadas pelos media, com um foco específico em séries televisivas e cinema, em Portugal, nos últimos cinco anos.

Referências bibliográficas:

Boni, F. (2002). Framing Media Masculinities. Men’s lifestyle magazines and the biopolitics of male body. *European Journal of Communication*, 17(4), 465-478.

- Connel, R. (1995). *Masculinities*. Cambridge: Polity Press.
- Driesmans, K., Vandenbosch, L. & Eggermont, S. (2015). Playing a videogame with a sexualized female character increases adolescents' rape myth acceptance and tolerance toward sexual harassment. *Games for Health Journal*, 4(2), 91–94.
- Giaccardi, S., Ward, L., Seabrook, R., Manago, A. & Lippman, J. (2016). Media and Modern Manhood: Testing Associations Between Media Consumption and Young Men's Acceptance of Traditional Gender Ideologies. *Sex Roles*, 75(3-4), 151-163.
- Katz, J. & Earp, J. (1999). Tough Guise: Violence, Media & the Crisis in Masculinity (study guide), *Media Education Foundation*. Retirado de <http://www.mediaed.org/discussion-guides/Tough-Guise-DiscussionGuide.pdf>
- Koltay, T. (2011). The Media and the Literacies: Media Literacy, Information Literacy, Digital Literacy. *Media Culture & Society*, 33(2), 211-221.
- Kupers, Terry A. (2005) Toxic masculinity as a barrier to mental health treatment in prison. *Journal of Clinical Psychology*, 61(6), 713–724.
- Potter, W. J. (1998) *Media Literacy*. Londres: Sage Publications.